

Heidegger e Hölderlin: Pensamento, errância e o habitar poético

Pedro Augusto da Costa Franceschini

Mestrando em Filosofia na USP.

Aproximamo-nos desse verso de Heidegger na tentativa de encontrar aí a ressonância de um caminho de pensamento, não tanto um programa, mas antes uma postura, uma disposição, que se dê como um "pensar outro". "Quem pensa grandemente, deve grandemente errar"¹. O verso nos fala da íntima relação entre pensamento e errância: com o pensador alemão nos deparamos com um pensar que se coloca em movimento, em um procurar que aceita o exílio na medida em que este se configura, enigmaticamente, como um abrigo; não o cálculo, a ordenação e a fixidez de tudo o que *é*, da racionalidade técnica, mas o fluir que pensa o *ser* naquilo que *vem*.

O fato de esse apontamento heideggeriano aparecer como verso não é sem relevância, pois já indica um aspecto essencial desse nosso questionamento: para pensar o ser, para ir além da razão técnica que reina na metafísica, o pensamento deve se aproximar da poesia, do poético. Não falamos aqui da tentativa de uma simples fusão, que negaria as diferenças entre esses dois âmbitos: nem o verso meramente "exprime" uma verdade do

¹ HEIDEGGER, M. *Aus der Erfahrung des Denkens, Band 13 – Gesamtausgabe*, p. 81. Nos casos em que não houver tradução publicada para o português, as citações de Heidegger se referem ao texto alemão da obra completa e as traduções são de nossa responsabilidade. Já quanto aos poemas de Hölderlin, no caso dos hinos "Volta ao lar", "Como em dia de feriado" e "Recordar", remetemo-nos à tradução de WERLE, M. A. *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger*, pp.100-2, 114-5, 124-6, respectivamente. Outros poemas citados por Heidegger, como "O Istro", "O Arquipélago" e "Pão e Vinho", tem como referência o próprio texto de Heidegger e as traduções, nossas. Para os poemas restantes, conferir as traduções brasileiras indicadas.

pensamento, tampouco o pensamento tenta explicar e clarear uma suposta obscuridade do poema. Poesia é aqui entendida como algo que vai para além da literatura, ou mesmo da própria arte em seu sentido usual. Heidegger mesmo já atenta que suas leituras da poesia "não têm a pretensão de contribuir à pesquisa em história da literatura ou em estética. Elas surgem de uma necessidade do pensamento"², o que está em questão para ele é "a noção de poesia à medida que se coloca no caminho do pensamento e o acompanha"³.

Tendo essas questões em vista, adentramos de forma sucinta algumas leituras de Hölderlin feitas por Heidegger. É sabido como o contato com a obra desse grande poeta alemão já havia marcado Heidegger desde antes da redação de *Ser e Tempo*, e que progressivamente ganharia espaço na obra do filósofo, através dos vários cursos no final da década de 30, baseados na interpretação de poemas holderlinianos, e daí para frente, marcando uma crescente importância da questão da linguagem como campo próprio de desenvolvimento da questão do ser. O poeta suábio, que é para ele o "poeta dos poetas", nos aponta um caminho de pensamento para além da metafísica por meio da tematização da própria atividade poética: o homem encontra poeticamente um fundamento de sua existência sobre a terra, um habitar, e, assim, uma outra forma de se relacionar ao ser e às coisas. Esse poeta enquanto indicação de outra atitude humana, nós o buscamos com Heidegger na poesia holderliniana, pois nos parece existir em tais leituras uma exemplar formulação da combinação, mas também diferenciação, de alguns pares essenciais no quadro da filosofia heideggeriana: nativo e estrangeiro, regresso e viagem, lembrança e esquecimento, abrigo e desabrigo, presença e ausência.

Nosso percurso busca partir da distância e do estranhamento para, no reconhecimento da vivência deles enquanto tais, tentarmos nos aproximar daquilo mesmo que se faz presente através da ausência: a origem. A movimentação através desse círculo de pensamento não almeja alguma solução ou síntese, mas é antes aquilo a que se propõe desde o princípio: "um caminho", o qual deve ser, por nós mesmos, adentrado e percorrido, repetindo a experiência do pensamento. É interessante observar como, no próprio nome alemão para experiência, *Erfahrung*, já há no seu radical *fahren* a indicação de um âmbito de mobilidade, de viagem do próprio pensamento que se faz experiência. Nossa errância, no entanto, não se confunde com um vagar arbitrário, já que está sempre voltada para o que há de mais primordial: a própria fonte, a proximidade do homem ao ser. Se o caminho

² HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 7.

³ WERLE, M. A. *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger*, p. 12.

parece necessariamente levar a seu próprio ponto de partida, é justamente porque, na dinâmica própria do ser ao se fazer presente, a proximidade só é vivida enquanto o homem assume para si a viagem, somente quando persiste na sua distância originária pode ele cultivar a familiaridade ao ser e à sua ausência. Logo, o pensador-poeta, como o navegante, vai e regressa, pois a volta ao lar se dá unicamente nesse processo de um *ir* e *vir* enquanto percurso do pensamento; e assim, habita o homem sobre a terra: estranhamente e sem lugar, mas poeticamente, reconstituindo sua existência.

"Que na verdade a poesia seja também tarefa para um pensamento, eis o que ainda temos de apreender nesse instante do mundo"⁴. Tomamos essa afirmação de Heidegger para justificar nossa entrada em seu pensamento através das interpretações dos poemas de Hölderlin. Em uma filosofia como a sua, que muitas vezes, por sua dinâmica particular, se move em uma espécie de círculo, no qual o destino é a origem e cada ponto remete a todos os outros, parece haver uma dificuldade quanto ao começo desse caminho. Se o que buscamos aqui é o fundamento desse outro pensar que se dá por meio do poético, devemos adentrar esse círculo e fazer por nós mesmos esse percurso, repetir essa experiência do pensamento, pois esse fundar se encontra no próprio poetizar, que se dá pela palavra e na palavra.

O problema principal que anima a aproximação de Heidegger à poesia é a busca de um solo propício para o desenvolvimento da questão do ser, para um novo pensar que escape às determinações da metafísica e da razão técnica. É sob essa perspectiva que o acompanhamos através de suas leituras dos hinos hölderlinianos. "Há que se notar, entretanto, que em cada uma das interpretações, tomadas individualmente, sempre se repete, por assim dizer, o conjunto dos temas de todas as interpretações"⁵. Por isso mesmo nosso interesse aqui não é tanto o de se prender a alguma das interpretações especificamente, mas antes procurar percorrê-las, na maneira como dialogam, em busca dessa proposta mais ampla de pensamento, que permite ao homem reconstituir sua existência por meio do poético.

O hino "Recordar" [*Andenken*], que segundo Heidegger aponta para esse outro pensar, próprio ao poeta, se inicia com os seguintes versos:

⁴ HEIDEGGER, M. "Para quê poetas?" in: _____. *Caminhos da Floresta*, p. 318.

⁵ WERLE, M. A. *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger*, p. 96.

*Sopra o vento nordeste,
O mais querido entre os ventos,
Para mim, pois promete feroso
Espírito e boa viagem aos navegantes.*

O que encontramos, inicialmente, é o âmbito da viagem, através da saudação do poeta ao vento. O nordeste é aquele que abre os céus e aponta para as jornadas em direção ao sul, ao estrangeiro. Assim, ele promete uma "boa viagem aos navegantes", indicando aos poetas o destino de sair daquilo que é sentido como a origem segura, o lar e o abrigo.

Heidegger acompanha, paralelamente, outro hino que nos leva também ao âmbito estrangeiro: "O Istro". Nesse hino, Hölderlin fala do rio Danúbio e de seu fluir como essências do próprio poético. Ele brota na Alemanha e deságua no Mar Negro (Leste), apontando a necessidade do poeta de viajar, de experimentar aquilo que lhe é estranho. É nesse estrangeiro que o poeta se encontra quando diz no hino:

Nós, porém, cantamos aqui do Indus⁶.

Além disso, o poeta nomeia-o "O Istro". Ora, esse é o nome dado pelos gregos ao baixo curso do rio Danúbio. Assim, ao nomear o rio nativo (alemão) por meio do nome estrangeiro (grego), Hölderlin dá outro índice daquilo que só é próprio quando vivido a partir de uma perspectiva exterior e distante. Nesse sentido, tanto o vento quanto o rio, poetizam o ponto inicial do homem já colocado em uma certa distância: originariamente o homem não está em sua origem.

Heidegger segue Hölderlin nesse poetizar que coloca o homem originariamente longe da própria origem. Tal pensamento parece contraditório, e mesmo absurdo, ao discurso ordinário: como pode o homem de início estar distante justamente daquilo que se configura como início propriamente, aquilo que há de mais próximo? Para Heidegger essa contradição aparece para a razão, que opera por meio da ordenação, instituindo pares que são colocados em oposições exclusivas, que devem se aniquilar: próximo e distante, presente e ausente, familiar e estranho. Mas para ele, o pensamento a respeito da origem deve seguir outro caminho, no qual o próximo não é necessariamente a menor distância entre dois pontos, mais primordialmente é aquilo que sustenta a própria possibilidade da distância.

⁶ HEIDEGGER, M. *Hölderlins Hymne "Der Ister"*, Band 53 – *Gesamtausgabe*, p. 3.

Na realidade, o que é colocado em questão pelo poetizar do vento e do rio nesses dois hinos é o espaço da existência sobre a terra, seu lugar. Em suma, Hölderlin diz em sua elegia "Pão e vinho":

*O espírito não está em casa
No princípio, não está na fonte⁷.*

Parece, no entanto, que falamos da distância como de um desvio, de uma falha, na qual o homem acaba por se encontrar devido a escolhas ou posicionamentos errados na sua existência. Heidegger atenta, no entanto, que não devemos seguir essa via de interpretação, que tem algo de "cristã", falando de uma perda do paraíso, do lar original, e de uma suposta busca por redenção. Essa condição de estranheza originária, pelo contrário, é a marca própria da existência humana, especialmente de nós, modernos, por isso não deve ser vista como algo negativo, em um sentido moral, mas deve ser vivida enquanto tal.

O filósofo volta até os gregos, seguindo um diálogo considerado fundamental por Hölderlin, para, na interpretação de um canto de "Antígona", revelar esse traço existencial do homem. Diz nele Sófocles:

*Variado é o estranho [Unheimlich], ainda assim nada
Além do ser humano prevalece mais estranhamente⁸.*

Para Heidegger, esse estranho, na sua diversificação, se liga essencialmente àquilo que não é próximo, ordinário ou conhecido, que é assim o não-familiar [das Un-heimisch]. O estranhamento, então, se liga essencialmente a essa falta de casa, ao desabrigo, àquilo que de início não é familiar.

Não só Sófocles diz assim a essência do homem. Se observarmos a filosofia heideggeriana mais amplamente, a essência humana parece se dar também por meio dessa falta de solo, de um lar, logo, de um fundamento. Heidegger diz que o homem é o ente que, por excelência é jogado ao abismo [*Ab-grund*], ao sem fundamento, originariamente. Ele é lançado a uma distância do verdadeiro fundamento, sendo assim

⁷ HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 89.

⁸ HEIDEGGER, M. *Hölderlins Hymne "Der Ister", Band 53 – Gesamtausgabe*, p. 65. Heidegger remete à tradução de Sófocles feita pelo próprio Hölderlin.

marcado pelo estranhamento do seu ser, ou, nas palavras do canto de "Antígona", como aquele que prevalece mais estranhamente. "E, assim, o homem, enquanto transcendência existente excedendo-se em possibilidades, é um *ser da distância*"⁹

Para o homem moderno essa condição de estranhamento e distância originária é ainda mais marcante, pois ele vive aquilo que chama de "a noite do mundo": o tempo em que os deuses fugiram e a natureza parece adormecida, em outras palavras, os homens parecem desligados de todos os âmbitos que o transcendem enquanto formas de totalidade. No entanto, o perigo se dá quando esse mesmo homem moderno, onisciente e onipotente através da razão, não vê aí a noite e o estranhamento próprios a sua essência, não os vive enquanto tais, tornando essa noite "mero dia", distante daquilo que lhe é sua essência e, de certa forma, estranho a seu próprio estranhamento essencial. Para ele tudo é familiar e presente, vive no reino da total transparência, da visão total que tudo atinge e domina, acreditando estar, desde o princípio, já próximo à fonte, abrigado em sua casa. Como diz Hölderlin na elegia "Volta ao lar":

Tudo parece familiar, também a saudação passageira
Parece de amigos, parecem rostos aparentados.

Heidegger interpreta: "no lar as pessoas e as coisas parecem agradavelmente familiares. No entanto, elas não o são"¹⁰. Acreditando chegar a tudo, o homem não chega a nada, continua preso a seres particulares sem captar aquilo de essencial nesses entes que lhe rodeiam, esquecendo aquilo no qual todos os *entes são*. Ocupados com o que *é* os homens perdem o *ser*; aquilo mesmo que configura toda a possibilidade de proximidade. Acabam eles, assim, jogados a um duplo distanciamento e esquecimento: não só se esquecem e se distanciam da fonte ao existirem, eles esquecem mesmo que estão originariamente distantes da origem. Logo, o homem originariamente desabrigado se torna ainda mais desabrigado e desterrado, na crença de que está já abrigado ele perde o vínculo com aquilo que institui propriamente a possibilidade de um habitar e assim de um abrigo.

Nesse momento de risco, no entanto, é a figura do poeta que se torna fundamental, para, antes de tudo, lembrar da condição essencial do homem e através do poético configurar uma outra maneira do homem se colocar. Por isso, "em tudo o que aparece e se mostra familiar, o poeta faz apelo ao estranho a que se destina o que é desconhecido

⁹ HEIDEGGER, M. "A essência do fundamento" in: _____. *Marcas do caminho*. Grifo nosso, indica tradução modificada.

¹⁰ HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 13.

de maneira a continuar sendo o que é – desconhecido”¹¹. Não se trata aqui de alguma forma de “obscurantismo” que a poesia deva instaurar, ela antes leva o homem a reassumir essa relação essencial que ele tem com o ser, com a fonte. De fato, a “proximidade à fonte é um mistério”¹², que o poeta busca conhecer, não por meio de uma análise ou um mero descobrimento, mas antes guardando o mistério enquanto tal, cultivando-o. Por isso o poeta canta o rio e o vento, que apontam para a distância, assumindo para si aquilo que originalmente coloca-o em um não-estar-em-casa, para assim se aproximar daquilo que é a própria fonte. “A proximidade não é pouca distância”¹³. Se o homem acredita estar perto das coisas por meio da diminuição das distâncias, e assim abrigado, ele apenas se afasta ainda mais de si mesmo e de sua origem: para Heidegger, “a proximidade aproxima o distante, sem violar-lhe e sim preservando-lhe a distância”¹⁴. Algo como a imagem que faz Hölderlin em “O Arquipélago”:

Mas porque os deuses presentes estão tão pertos
*Eu tenho de ser como se eles estivessem distantes*¹⁵.

No entanto, o poeta não experimenta esse espaço da viagem e do exílio como o aventureiro que se lança e encontra abrigo em qualquer experiência, de forma arbitrária. Este é apenas o “ser que experimenta tudo e ainda assim permanece sem experiência”¹⁶ pois não houve aí espaço de distinção entre aquilo que é o lar e o não-lar, a proximidade e a distância. O aventureiro assimila essa diferença transformando-a em mera igualdade, pois ama o estrangeiro apenas enquanto estrangeiro, se deixando dissolver no outro, sem reconhecer a relação íntima que a vivência do distante nutre com regresso à origem.

Para o poeta, a viagem é vivida enquanto tal, não há a tentativa de anular a diferença: em nenhum momento é negada a sua dimensão de estranheza, por outro lado, não se deixa assimilar por esse estranho, esquecendo o vínculo com a origem, com o lar; a existência poética não procura o próprio no estranho, mas procura, no cultivo dessa

¹¹ HEIDEGGER, M. “...poeticamente o homem habita...” in: _____. *Ensaaios e Conferências*, p. 177.

¹² HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 24.

¹³ HEIDEGGER, M. “A coisa”, in: _____. *Ensaaios e Conferências*, p. 143.

¹⁴ Idem, p. 155.

¹⁵ HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 185.

¹⁶ HEIDEGGER, M. *Hölderlins Hymne “Der Ister”, Band 53 – Gesamtausgabe*, p. 92.

distância, que é o próprio mistério da proximidade, se aproximar daquilo que é a origem. Por essa razão, a experiência do estrangeiro sempre mantém um vínculo com o lar, com a terra natal. É essa relação que Hölderlin poetiza no seguinte verso interpretado por Heidegger:

*Colônia, e valente esquecimento, ama o espírito*¹⁷.

Para o filósofo, esse trecho fala justamente dessa relação entre a viagem e o lar. A colônia, enquanto "terra-filha" ligada à "terra-mãe", simboliza esse estrangeiro que, todavia, mantém um vínculo com aquilo que é próprio e nativo. Por outro lado, esse "valente esquecimento" parece contradizer o que vínhamos dizendo até aqui, ainda mais se levarmos em conta que começamos com seu hino "Recordar". No entanto, para Heidegger, esse "valente" [*tapfer*], colocado à frente, o diferencia de um simples esquecimento, pensado usualmente como um "não mais pensar em algo". O "valente esquecimento" incorpora uma "sabedoria corajosa" de enfrentar o estrangeiro em nome daquilo que é próprio, logo, ele não é o oposto da memória, mas um diálogo com ela. "Arriscar-se na colônia demanda um peculiar não-pensar no lar. Ao mesmo tempo, tal arriscar-se, por sua vez, confere primeiro um pensar no familiar. Esse arriscar-se não é um mero deixar algo para trás mas já é o *primeiro* e assim *decisivo* ato de volta ao lar [ao familiar]"¹⁸. Quando assumido "valentemente", por meio da viagem e do exílio, o esquecimento de casa, o viver da distância originária, é já o cultivar da memória do lar, o começo do regresso à fonte. Diz Hölderlin no hino "Recordar":

*...Mas o mar tira
E dá memória.*

Esse é para nós o momento decisivo, pois instaura o diálogo no interior da diferença mesma entre o estrangeiro e o natal, o estranho e o próprio, o esquecimento e a memória, a viagem e o regresso. O poético se dá justamente nesse espaço da conversa, da correspondência. Se voltarmos aos dois hinos pelos quais começamos, nos quais falamos do vento e do rio, essa viragem se mostra por meio do poetizar. O vento nordeste, o qual saudava Hölderlin no hino "Recordar", aponta para a viagem e para fora, mas é também aquele que lembra, aos que estão fora de casa, de sua terra natal: "chama as aves

¹⁷ Idem, p. 164.

¹⁸ Idem, p. 166. Grifo nosso.

migratórias, das terras estrangeiras, de volta ao lar"¹⁹, inserindo-se assim no movimento do ir e do vir, do esquecimento e da lembrança. Lugar semelhante nos coloca também o rio Istro: se ele corre da origem nativa para desaguar na distância do estrangeiro, por outro lado o olhar do poeta atenta:

*Ele parece, no entanto, quase
Correr para trás [ao contrário] e
Eu presumo que ele deva vir
Do Leste²⁰.*

Tanto o rio quanto o vento mostram que no mesmo processo em que se é lançado para a distância e para o estranho, se vivido enquanto tal, naquilo que tem de misterioso, começa também o processo de regresso, no desabrigo começa a operar a possibilidade de um habitar poético, de um lar. Heidegger diz: o poetizar é o "vir a ser familiar no ser não-familiar"²¹, por isso "todos os poemas do poeta que adentrou seu poético são poemas de volta ao lar"²². Se dissemos anteriormente que tanto o rio quanto o vento poetizavam o lugar do homem enquanto estranho, agora podemos ser mais verdadeiros: o que é o poetizado é o lugar do poético em um certo *entre*. Esse quase "não-lugar" é onde se dá o cultivo daquilo que só se faz presente por meio da ausência, que só se sente próximo no assumir da distância, resguardando assim o próprio mistério da proximidade.

Mais do que a dimensão de um lugar ontológico, essa posição intermediária também é expressão do tempo do poeta, que é o *agora*. "O Istro" se inicia assim:

Agora venha, fogo!²³

O hino "Como em dia de feriado..." também diz:

Mas agora amanhece! Esperei e vi chegar.

¹⁹ HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 85.

²⁰ HEIDEGGER, M. *Hölderlins Hymne "Der Ister", Band 53 – Gesamtausgabe*, p. 4.

²¹ Idem, p. 151.

²² HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 193.

²³ HEIDEGGER, M. *Hölderlins Hymne "Der Ister", Band 53 – Gesamtausgabe*, p. 3.

Esse agora, tempo do poeta, é como o feriado: não é ainda a festa, mas o período que a aguarda e a prepara. É o momento onde se dá o cultivo e o resguardo, no qual ao homem, seguindo a natureza que amanhece calma após a noite de tempestades, convém uma espécie de "descanso", renunciando ao ativismo constante da razão moderna. Em um primeiro momento a natureza parece dormir, estar ausente, todavia, ela está presente e acordada, mas em um certo lamento, em um luto. Como um inverno, esse luto não é um simples negativo ligado apenas ao que foi, ele é antes aquele que "permite o ausente retornar sempre"²⁴. Também o poeta assume esse luto, que é um resguardo, mas por isso mesmo não está sozinho, na simples ausência, pois nesse processo ele "pensa à frente no distante, que não se retira, mas antes *é*, enquanto o que está vindo"²⁵. Assim, movendo-se entre a memória e o esquecimento, colocado na dupla-falta, do não-mais dos deuses que se foram e o não-ainda do deus que está vindo, o poeta presente e nesse pressentir se lança ao ser no que vem. Seu agora, que é a própria noite do mundo, não é mera escuridão e negatividade, tem a sua luz própria, uma "luz escura":

Quando a noite é igual ao dia ("Recordar").

O poeta se encontra assim no seu luto que pressente. Não há aí fixidez, nem uma busca meramente harmoniosa de uma totalidade. Ele assume o seu destino de errância, se coloca nesse espaço-tempo de um certo *entre*, logo, cultiva o amanhecer que está por vir, para então poder cantar, "Como em dia de feriado":

E o que outrora aconteceu, mas apenas foi sentido,
É manifesto agora.

Desse modo, procuramos seguir com Heidegger algumas leituras feitas a partir de Hölderlin, na tentativa de constituir um outro pensamento, que se aproxime da noção do poético e indique a possibilidade de uma outra atitude existencial humana. Se o poético se encontra em um espaço-tempo intermediário, do *entre* e do *agora*, é preciso antes assumir para si o destino de uma distância originária na qual é jogado o homem no seu existir. A essência humana, marcada por esse estranhamento originário, não deve ser dissimulada ou negada como moralmente errada, ela deve ser reafirmada por meio do

²⁴ HEIDEGGER, M. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*, p. 55.

²⁵ Idem, *ibidem*.

lançar-se à viagem, ao exílio. O poeta, assim, não se sente em casa já de princípio, como a razão moderna e a subjetividade levam a crer: é na aceitação do navegar, o qual se mantém vinculado à fonte, que está o início do regresso ao lar, de uma aproximação de sua origem. Por isso ele canta o vento e o rio, que o levam para fora, para o estrangeiro, para a viagem e para o mar:

Pois é no mar que começa
A riqueza...("Recordar").

O caminho à origem deve primeiro levar para longe dela: a fonte só se manifesta para aquele que experimentou o curso do rio mar adentro; ela é refletida, pelo recordar, no mar da viagem. O errar do rio não é arbitrário: ele só flui enquanto mantém a conexão à fonte, enquanto *recorda* de onde brota. O rio, enquanto essência do próprio poético, é aquilo que se movimenta desaparecendo e vazando, mas nesse mesmo movimento guarda sua identidade que é o brotar da origem. No seu distanciamento da origem está também o que a cultiva.

Assim, o homem, originariamente estranho e distante, deve encontrar a familiaridade nesse mesmo distanciamento. É nesse momento que surge a possibilidade de um habitar, de um abrigo. O mesmo rio Istro que "foi" ao estrangeiro, regressa à terra, tornando-a habitável:

Aqui, no entanto, nós queremos construir
Pois rios tornam arável
*A terra*²⁶.

Por essa razão, na elegia "Volta ao lar", não são os parentes que recebem e abrigam o poeta que retorna da viagem, pelo contrário, é ele que chega do estrangeiro e nesse regresso se faz anfitrião: é no poético que se alberga. Por isso o habitar do homem sobre a terra é poético:

Cheio de méritos, mas poeticamente
*O homem habita esta terra*²⁷.

²⁶ HEIDEGGER, M. *Hölderlins Hymne "Der Ister"*, Band 53 – Gesamtausgabe, p. 3.

²⁷ HÖLDERLIN, F. "Anexo: No azul sereno.../In lieblicher bläue..." in: HEIDEGGER, M. *Ensaio e Conferências*, p. 257.

O poético traz, assim, o homem para a terra, para um habitar, vislumbrando um traço fundamental da presença humana e indicando uma reconstituição de sua existência. Esse espaço de errância só existe propriamente enquanto nele nos movimentamos, ele não é um espaço no qual cai o homem, é antes o lugar no qual ele se move enquanto insiste existindo. Logo, o pensador acompanha o poeta, nesse movimento entre a ausência e a presença, inserindo-se na dinâmica do próprio ser. Talvez não seja exagero dizer que essa jornada da qual falamos seja ela mesma a viagem, arriscada é verdade, da filosofia em direção à literatura, mas na tentativa de redescobrir uma certa disposição fundamental, ou melhor, uma disposição fundante: postura de instauração de uma morada mesmo, e sobretudo, em meio ao que há de mais estranho, encontrando no discurso a produção de uma existência, de um habitar poético. Pois, se Platão dizia que a filosofia começa com o assombro, Heidegger completa: o assombro, aceito como morada²⁸.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

HEIDEGGER, M. "A coisa" in: _____. *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. "Alethéia" in: _____. *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

_____. *Aus der Erfahrung des Denkens, Band 13 – Gesamtausgabe*. Herausgegeben von Herman Heidegger. Frankfurt am Main: V. Klostermann, 2. durchgesehene Auflage, 2002.

_____. *Erläuterung zu Hölderlins Dichtung, Band 4 – Gesamtausgabe*. Herausgegeben von Friedrich-Wilhelm von Herrmann. Frankfurt am Main: V. Klostermann, 1981.

_____. *Holderlins Hymne "Der Ister", Band 53 – Gesamtausgabe*. Herausgegeben von Walter Biemel. Frankfurt am Main: V. Klostermann, 2. Auflage, 1993.

²⁸ "Sabemos demais e acreditamos com demasiada rapidez no que sabemos. Talvez por isso nos seja tão difícil adquirir familiaridade com uma questão nascida da verdadeira experiência. Para que isso aconteça é preciso poder espantar-se diante do simples e assumir esse espanto como morada" (HEIDEGGER, M. "Alethéia", p. 229).

_____. "A essência do fundamento" in: _____. *Marcas do caminho*. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

_____. "Para quê poetas?" in: _____. *Caminhos da Floresta*. Lisboa: Gulbenkian, 2002.

_____. "...poeticamente o homem habita..." in: _____. *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

HÖLDERLIN, F. "Anexo: No azul sereno.../In lieblicher bläue..." in: HEIDEGGER, M. *Ensaaios e Conferências*. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

WERLE, M. A. *Poesia e Pensamento em Hölderlin e Heidegger*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.